

SUINO CULTURA industrial

ISSN 2177-8930

Nº 03|2025 | Junho/Julho | ANO 47 | Edição 324 | R\$ 26,00

 **agrimídia**



A SUINOCULTURA NÃO BAIXA A GUARDA

**Setor suinícola aposta pesado em biossegurança
para garantir a prevenção, em especial contra doenças
que podem causar graves prejuízos**



ENTREVISTA

Maria Nazaré Simões Lisboa é médica-veterinária e fala sobre biossegurança, trazendo uma visão atual, sensível e estratégica sobre os desafios e o futuro da produção suína.



EMBRAPA 50 ANOS

Cinco décadas de inovação, pesquisa e contribuição essencial para a suinocultura e o agronegócio brasileiro, que transformou o setor em referência.



PESTE SUÍNA AFRICANA:

SITUAÇÃO MUNDIAL ATUAL E IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS DE MITIGAÇÃO NO BRASIL

Por Luizinho Caron, pesquisador da Embrapa Suínos e Aves



Crédito: Adobe Stock

INTRODUÇÃO

A Peste Suína Africana (PSA) é uma enfermidade viral altamente contagiosa que afeta suínos domésticos e selvagens, causando elevadas taxas de mortalidade e enormes prejuízos econômicos à suinocultura mundial (Dixon *et al.*, 2020). Desde a sua identificação na África no início do século XX, a PSA tem se disseminado para diversas regiões do mundo, tornando-se uma das maiores ameaças sanitárias à produção de suínos.

Embora não ofereça risco à saúde humana, a PSA impacta diretamente a segurança alimentar, o comércio internacional e a estabilidade socioeconômica de países dependentes da suinocultura. O Brasil, como um dos maiores produtores e exportadores de carne suína do mundo, deve manter vigilância constante e implementar práticas eficazes de mitigação para evitar a introdução e disseminação da doença (MAPA, 2023).

No Brasil, a Peste Suína Africana (PSA) permanece ausente desde a sua erradicação oficial em 1984, após um rigoroso programa sanitário conduzido pelo governo brasileiro com apoio de organismos internacionais, como a Organização Mundial de Saúde Animal (WOAH). Desde então, o país mantém o status de livre da PSA, o que representa uma vantagem competitiva importante no comércio internacional de carne suína. Contudo, a crescente disseminação da doença em regiões próximas, como o Caribe, onde foi detectada a PSA na República Dominicana e no Haiti em 2021, aumentou o nível de alerta das autoridades sanitárias brasileiras (MAPA, 2024). Nesse contexto, o Brasil reforçou as medidas preventivas por meio do Plano de Contingência para Peste Suína Africana (PC-PSA), que inclui ações de vigilância ativa e passiva, capacitação de profissionais e fortalecimento da biossegurança nas propriedades, a fim de evitar a introdução e disseminação do vírus no território nacional (MAPA, 2024; WOAH, 2024). Após recente diagnóstico do primeiro caso de influenza aviária em aves comerciais no Brasil, é importante lembrar para técnicos e produtores que a peste suína africana (PSA) permanece como uma ameaça importante para a saúde dos plantéis suínos do país.





Crédito: Shutterstock

SITUAÇÃO ATUAL DA PESTE SUÍNA AFRICANA NO MUNDO

A PSA, causada por um vírus DNA de fita dupla pertencente à família *Asfarviridae*, é caracterizada por febre alta, hemorragias internas e morte súbita dos suínos afetados (Blome *et al.*, 2020). O vírus é resistente em ambientes externos e produtos cárneos, o que facilita sua disseminação por meio do comércio internacional de animais, alimentos contaminados e fomites.

Desde 2007, quando o vírus foi introduzido na Geórgia, a PSA se disseminou por toda a Europa Oriental, Ásia e, mais recentemente, Caribe e América Central. A China, maior produtora e consumidora de carne suína, enfrentou surtos devastadores a partir de 2018, resultando na morte e abate sanitário de milhões de suínos e acentuando a crise global de proteína animal (Zhou *et al.*, 2018).

Em 2021, casos foram confirmados na República Dominicana e no Haiti, marcando a reintrodução da PSA no continente americano após quatro décadas de ausência (FAO, 2022). Esse fato elevou o nível de alerta em todos os países das Américas, incluindo o Brasil.

A Peste Suína Africana (PSA) permanece como uma das principais ameaças à suinocultura mundial, com surtos recorrentes em diversas regiões da Europa, Ásia e, ocasionalmente, África onde é endêmico e onde já foram identificados mais de 20 genótipos diferentes do vírus em carrapatos do gênero *Ornithodoros* em suídeos selvagens e domésticos.



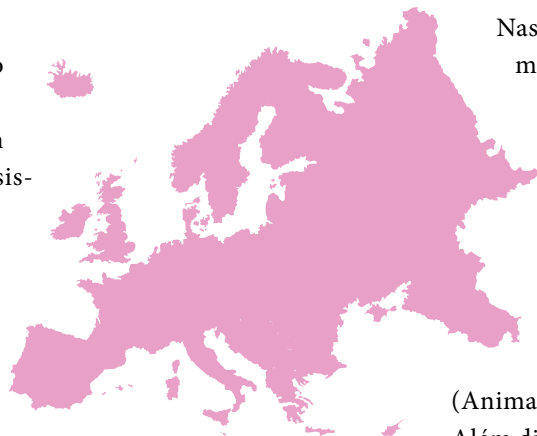
EUROPA

Na Alemanha, desde o primeiro registro em javalis selvagens em 2020, a PSA tem persistido, especialmente nos estados de Brandemburgo e Saxônia. Em 2024, casos em suínos domésticos foram confirmados em Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental e Hesse, exigindo abates preventivos e rigorosas medidas sanitárias (BMEL, 2024).

Na Itália, a doença foi detectada pela primeira vez em 2022 no Piemonte, espalhando-se rapidamente para Ligúria e Emilia-Romanha. Até 2023, o país enfrentou dezenas de surtos, principalmente em populações de javalis, mas também afetando explorações comerciais, levando ao abate de milhares de suínos (AP News, 2023). Nos países do Leste Europeu, como Romênia, Hungria, Polônia e Bulgária, a PSA continua endêmica. Em 2024, a Romênia registrou novos surtos tanto em suínos domésticos quanto em javalis, evidenciando a dificuldade de controle da doença, especialmente nas criações de subsistência e nas regiões rurais mais remotas (SwineWeb, 2024).

ÁSIA

Na China, onde o vírus tem causado grandes prejuízos desde 2018, persistem casos esporádicos, apesar das medidas de biossegurança implementadas. No Vietnã, a PSA voltou a se expandir rapidamente: até meados de 2024, 660 surtos foram confirmados, resultando no abate de mais de 42 mil suínos. O governo vietnamita intensificou o uso de vacinas nacionais e o monitoramento epidemiológico (Reuters, 2024).



Nas Filipinas, a PSA afeta atualmente 11 regiões, com surtos concentrados nas ilhas de Luzon e Mindanao. A produção suína local foi severamente comprometida, levando o governo a reforçar campanhas de prevenção e a criação de zonas livres da doença (Animal Feed MEA, 2024).

Além disso, na Malásia, casos recentes reforçam a necessidade de vigilância: a Malásia confirmou em 2025 novos focos da doença em Selangor (PigUA, 2025).



RISCO DE INTRODUÇÃO NO BRASIL

O Brasil mantém um status sanitário livre de PSA, mas o risco de introdução é real, especialmente devido ao intenso fluxo de pessoas e mercadorias entre os países afetados e o território brasileiro. A presença de javalis (*Sus scrofa*) como espécie exótica invasora também representa um desafio, pois podem atuar como reservatórios e amplificadores do vírus, dificultando o controle em caso de introdução (Farias *et al.*, 2021).





A entrada ilegal de produtos suínos contaminados, o turismo e a movimentação de trabalhadores estrangeiros aumentam a vulnerabilidade do país, especialmente em áreas de fronteira com trânsito menos controlado (MAPA, 2023).

IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS DE MITIGAÇÃO NO BRASIL



Vigilância Epidemiológica

O fortalecimento da vigilância epidemiológica é essencial para a detecção precoce de possíveis focos. O Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) coordena o Programa Nacional de Sanidade

dos Suínos (PNSS), que inclui ações de monitoramento de populações de suínos domésticos e selvagens (MAPA, 2023).

Além disso, o Brasil integra a rede global de vigilância da Organização Mundial de Saúde Animal

(WOAH), que permite a troca rápida de informações e a adoção de medidas preventivas.

Biosseguridade nas Granjas

A biosseguridade é considerada a principal barreira contra a introdução e disseminação da PSA. As medidas incluem:



- ▶ *Controle rigoroso de acesso às granjas.*
- ▶ *Desinfecção de veículos, equipamentos e instalações.*
- ▶ *Restrição do contato entre suínos domésticos e animais silvestres.*
- ▶ *Monitoramento constante do estado de saúde dos plantéis.*

Estudos demonstram que granjas com elevados padrões de biosseguridade têm menor probabilidade de introdução de doenças exóticas (Bellini *et al.*, 2016).



Crédito: Art by Pixel/Adobe Stock



Educação e Conscientização

A capacitação de produtores, médicos veterinários e transportadores é fundamental. A informação correta sobre os riscos, formas de transmissão e sinais clínicos da PSA facilita a adoção de práticas preventivas e reduz a possibilidade de disseminação inadvertida do vírus (Sánchez-Vizcaíno *et al.*, 2019).

O MAPA promove campanhas educativas em aeroportos e portos, alertando sobre os riscos da entrada de alimentos contaminados e da destinação inadequada de resíduos.



Controle de Javalis

A gestão populacional de javalis no Brasil é uma medida estratégica para reduzir o risco de PSA. Embora o abate controlado seja permitido, o manejo deve ser conduzido de forma coordenada,

evitando práticas que possam dispersar ainda mais esses animais (Farias *et al.*, 2021).

Consequências de um Eventual Surto no Brasil

A introdução da PSA no Brasil teria consequências desastrosas. Estima-se que o país poderia perder bilhões de reais com a suspensão das exportações de carne suína, além do impacto direto sobre a cadeia produtiva, que gera milhões de empregos diretos e indiretos (ABPA, 2023).

A erradicação da doença é extremamente difícil, especialmente quando há envolvimento de populações de suínos selvagens. A experiência europeia demonstra que o controle pode levar anos e demandar recursos vultosos (Blome *et al.*, 2020).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Peste Suína Africana representa uma das maiores ameaças à suinocultura mundial na atualidade. O Brasil, como potência na produção e exportação de carne suína, deve manter um sistema robusto de vigilância, biossegurança e educação sanitária, alinhado às diretrizes internacionais.

A prevenção continua sendo a estratégia mais eficaz, dado que não há vacina ou tratamento disponível para a PSA. Assim, o fortalecimento das práticas de mitigação é indispensável para proteger a suinocultura nacional e garantir a segurança alimentar e econômica do país. ■



Crédito: Shutterstock



As referências bibliográficas deste artigo podem ser obtidas no QR Code ao lado.

